

# Sarney nega que fará reforma e diz que não aceita pressões

SÃO LUÍS — O Presidente José Sarney negou ontem que pretenda demitir o Ministro da Fazenda, Dílson Funaro, e garantiu que não conduz, atualmente, qualquer reforma ministerial e que nem pretende fazê-la. O Presidente disse que não aceita pressões para a substituições de nomes de seu Ministério, considerando essa uma atribuição constitucional que lhe cabe.

— Não substituo Ministro sob pressão de quem quer que seja — garantiu.

Sarney enfatizou também que a Aliança Democrática é essencial para o Governo, como instrumento de sustentação da transição democrática que o País ainda vive. Ele está convencido de que a eventual dissolução da Aliança teria de ser seguida pela formação de outro acordo político capaz de cumprir o mesmo papel de sustentação da transição democrática.

— Nós teríamos a obrigação de formar outra aliança política — dis-

se. Perguntado sobre a atuação de opositores ao seu Governo dentro do PMDB, Sarney tachou de "gesto impatriótico" a oposição ao Governo "no momento de dificuldades que o País atravessa". Mas ressaltou, entretanto, que não pode "interferir na vontade de ninguém".

As declarações do Presidente foram dadas no final da tarde de ontem, no aeroporto de São Luís, pouco antes de seu embarque para Brasília e depois das despedidas ao Presidente de Portugal, Mário Soares, que seguiu para Recife.

O Deputado Ulysses Guimarães, que também se encontrava em São Luís, embarcou de volta a Brasília junto com o Líder do PFL na Câmara, Deputado José Lourenço. Sobre a manutenção da Aliança Democrática, José Lourenço limitou-se a informar que discutiria o assunto com Ulysses, enquanto o Senador Fernando Henrique Cardoso, Líder do PMDB no Senado, desmentia declarações sobre o fim da Aliança Democrática. Na opinião do Sena-

dor, a Aliança deve ser mantida, como já expressou a Ulysses.

Apesar das declarações de Sarney, o Líder do PDS no Senado, Jarbas Passarinho, iniciou um movimento no Congresso junto aos parlamentares do Norte para reivindicar a indicação de um representante da região no futuro Ministério. Esta semana, Passarinho pretende conversar com Governadores e com as bancadas do Norte de outros partidos para discutir uma posição em grupo.

A bancada do PDS do Pará, segundo o Líder, quer a indicação do ex-Governador Jader Barbalho para o Ministério do Interior, que já teria sido prometido para o Pernambuco (o Vice-Governador Carlos Magno está cotado para o cargo). O Governador da Bahia, Waldir Pires, também está articulando um movimento para reivindicar a presença de mais um nome do PMDB baiano no Ministério. Hoje ele só tem o Ministro da Saúde, Roberto Santos.

## Passarinho acha clima parecido ao vivido em 64

PORTO ALEGRE — "O Brasil vive hoje um clima propício a um golpe militar". A afirmação foi feita ontem pelo Líder do PDS no Senado, Jarbas Passarinho, ao participar de um programa da Rádio Pampa, desta capital, sobre os 23 anos da Revolução de 1964. Ele argumentou que a convulsão social, a crise econômica e as greves que se acumulam lembram a situação existente em 64, quando a população ansiava por soluções.

Passarinho acha que esses elementos podem levar o Brasil a uma mudança. O Senador disse acreditar que a Igreja tem um papel de importância nos rumos do País. Explicou que não há um pensamento único dentro da Igreja, mas vários. Para ele, há duas grandes correntes no Brasil: a que segue o pensamento de João Paulo II, que prega a transformação da teologia da libertação em sociologia da comunicação, e outra, ligada a Frei Betto, que vê como religião católica a praticada por Fidel Castro, casando Cristo com Marx.

## Chiarelli repele quem prega fim da Aliança

PORTO ALEGRE — O Líder do PFL no Senado, Carlos Chiarelli, admitiu ontem que existem dificuldades para preservar a Aliança Democrática, mas não concorda com o Presidente do seu Partido, Deputado Maurício Campos, que disse não haver mais condições para que o

PFL permaneça na Aliança. Chiarelli afirmou que esta decisão cabe às bases do Partido, durante a Convenção Nacional, que deverá ocorrer em junho. Ele acusou as "minorias ruidosas" do PMDB de estarem pregando o fim da Aliança, por terem "apetite fisiológico por mais cargos".

## Covas prega continuidade da transição

SANTOS — O Líder do PMDB na Assembléia Constituinte, Senador Mário Covas, estava comovido e encabulado ao dirigir-se à tribuna sob um coro de 1.500 vozes gritando "Covas Presidente", na noite de sexta-feira. O jantar em sua homenagem em Santos, sua terra natal, transformou-se na grande festa política do lançamento, prematuro como alguns dos presentes assinalaram, de sua candidatura à Presidência da República. Ele defendeu a realização de eleições presidenciais no final do ano que vem para complementação do processo de transição para a democracia. E disse que as forças que se reuniram para eleger Tancredo Neves haviam se definido por um mandato presidencial de quatro anos, defendido pelo próprio Tancredo. O Senador foi saudado pelo decano dos advogados santistas, Ariosto Guimarães, de 90 anos, que acabou se sentindo mal e desmaiando. "Por que não Mário Covas para dirigir a vanguarda da Nação?", indagou Ariosto, que completou: "Santos já teve Andrada governando a Nação, porque não terá, depois de um século, outro filho seu no Poder?".